



Farmácia e demagogia

*Aluísio Pimenta,
farmacêutico, membro da Academia Mineira de
Letras, ex-ministro da Cultura (Governo Sarney), ex-
reitor da UFMG e da UEMG*

Sou um apaixonado pelo Brasil. De longe, nos 17 anos de exílio, vi meu País dotado de condições especiais do ponto de vista humano e geográfico. Temos vastas riquezas minerais, incluindo o petróleo - que os estrangeiros vaticinaram inexistir em solo brasileiro. Possuímos a maior reserva mundial de água doce, boas terras agricultáveis e não sofremos com vulcões, furacões ou fortes nevadas. Somos uma gente boa, pacífica, amável, inteligente e dinâmica. Então, por que o Brasil anda mal? Uma das respostas mais importantes, entre tantas, é por causa da demagogia de alguns políticos, independentemente de filiação partidária.

Quando jovem, em São Sebastião dos Pintos, eu ajudava meu pai em sua pequena farmácia, que assistia àquela população abandonada do interior do Estado. Na época, o grande problema da região, e também do País, eram as formigas saúva. Sorrateiramente, de um dia para outro, elas destruíam hortas, plantações de milho e feijão e tudo o que encontravam pela frente. A máxima popular dizia: “Ou o Brasil acaba com a saúva ou a saúva acaba com o Brasil.” O Brasil acabou com a formiga saúva, mas cresceu e agigantou-se uma nova saúva, mais grave, risonha e insidiosa: a demagogia, que se aproveita da pobreza do povo e das dificuldades da classe média brasileira.

É o que está acontecendo no momento com a “política de medicamentos” ou “assistência farmacêutica à população”. Segundo os jornais, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) propõe duas medidas: a compra de medicamentos diretamente dos laboratórios e a redução da carga tributária de 500 medicamentos, todos de uso contínuo. Desta forma, as pessoas poderiam adquirir seus remédios de uso contínuo nas indústrias farmacêuticas, através dos Correios, sem intermediários. Além disso, o ministro José Serra está pensando em reduzir, com a ajuda dos governos Federal e estaduais, os tributos

sobre determinados medicamentos.

Lamento que uma medida tão demagógica atinja o setor de vigilância sanitária e, justamente, quando o Governo implementa normas importantes para a produção dos genéricos, que têm preços mais baixos e conservam suas qualidades farmacoterápicas (garantia da presença dos princípios básicos, em dosagem certa e em condições de serem absorvidos). Daí, ser incompreensível a ação demagógica que busca facilitar o uso indiscriminado de medicamentos e a “empurroteira” - uma das pragas do País.

A indústria farmacêutica, nesta era da globalização, representa um dos cartéis mais fortes do mundo. Para se ter uma idéia, de acordo com a Abrafarma, o setor farmacêutico brasileiro faturou R\$ 7,6 bilhões, em 1999, mesmo sendo norte-americana, européia ou japonesa a maioria dos produtos.

Nosso mercado farmacêutico é o quarto do mundo e comercializa em torno de R\$ 16,3 bilhões por ano. O número de marcas de medicamentos registrado no País chega a 11.365, embora os profissionais da saúde julguem necessárias poucas centenas para um bom arsenal terapêutico. Contamos com cerca de 50.000 farmácias em todo o Brasil, mas aumenta a rede de drogarias destinadas à venda de produtos diversos, entre eles os medicamentos. Devemos lembrar que as *drugstores* norte-americanas são casas de comércio que vendem uma série de produtos, mas têm em seu interior uma farmácia à parte, com um profissional farmacêutico em tempo integral.

A compra de medicamentos diretamente dos laboratórios é uma demagogia que somente ajudará os empresários. O Brasil necessita, com urgência, de uma política de assistência farmacêutica, mas não da que se desenha.

Contatos com o professor Aluísio Pimenta podem ser feitos pelo e-mail apimenta@newview.com.br